

# O Senado abre debate sobre crise

De sucursal de  
BRASÍLIA

Os líderes do PDS, Aloysio Chaves, do PMDB, Humberto Lucena e Roberto Saturnino, do PDT, inauguraram ontem, na primeira sessão do Senado, o debate sobre a crise brasileira, com posições diferentes, mas todas reivindicando o exame e a participação do Congresso na solução desses problemas.

Aloysio Chaves, do governo, vinculou a crise ao panorama internacional e, ao sustentar o debate como atividade contínua e indispensável, explicou que a grande dificuldade poderá ser a falta de esclarecimentos, ao lado de uma avaliação correta dos problemas e das medidas corretas para o encaminhamento de soluções.

Humberto Lucena, do PMDB, acredita que o momento pede uma nova disposição do Congresso, pois "chegou a hora de o Legislativo reagir, como Poder que é, partindo para a ofensiva".

Roberto Saturnino, do PDT, fez o discurso mais contundente da tarde, classificando de "visão caolha a decisão do governo que põe o Congresso de fora na mais importante operação internacional da nossa história recente — o contrato com o FMI". Mas, ao mesmo tempo, se declarou disposto a atender à trégua "timidamente" proposta pelo presidente João Figueiredo, desde que venha acompanhada de nova proposta-base para o desenvolvimento do País, nunca para cancelar a recessão e a submissão ao FMI. Ele considerou a recessão como a pior solução para o Brasil.

## ENTENDIMENTO

Aloysio Chaves, que foi o primeiro a discursar, pregou o entendimento nacional para que o País possa sair da atual crise. Para ele a etapa final da abertura política deverá concretizar-se de maneira exemplar, desde que os políticos tenham capacidade para superar divergências menores.

O líder do PDS começou seu pronunciamento com uma análise da crise mundial, entendendo que ela poderá ser superada com a criação de novos mecanismos de convivência internacional. Espera, ainda, que todos possam caminhar juntos, acreditando que, no plano interno, o povo brasileiro saberá cerrar em torno do presidente João Figueiredo.

## REFORMAS

Já o líder do PMDB, Humberto Lucena, lembrou que, há um ano, advertiu que o País corria o risco de ter um governo sem credibilidade. Agora, para que o Brasil possa sair da crise, só resta uma ampla reforma constitucional, pois, a seu ver, é impossível prosseguir na bandeira oposicionista pela Assembleia Nacional Constituinte. A reforma deve incidir em pontos importantes, afirmou como o restabelecimento de eleições diretas para presidente da República.

O líder do PDT, Roberto Saturnino, por sua vez, preferiu conduzir seu pronunciamento com uma série de perguntas, a seu ver até agora não respondidas pelo governo, a começar pelos pedidos de demissão de diversos e importantes funcionários do segundo escalão. Relembrou os episódios da morte do jornalista Alexandre Baumgarten, o caso Capemi, o escândalo da Delfim, além de outros, estranhando, por fim, o comportamento do governo em torno desses problemas.

Num exame mais profundo da crise nacional, Saturnino sustentou a tese de que o governo não acionou a tempo os mecanismos de defesa da economia brasileira. Para ele, tudo era previsível e não faltaram advertências dos oposicionistas, "mas o governo, com um formidável arsenal de informações, não quis ver, preferindo jogar a culpa nos países mais ricos".

Sustentou também que o Brasil está dentro de uma moratória disfarçada e disse não se conformar com o acordo firmado com o FMI, advertindo que, se for necessário, irá ao Judiciário para obrigar o governo a ouvir o Congresso e a lhe permitir participação em atos desse porte.